Globethics Repository



A cultura política do movimento sindical é extremamente carrejada de representacöes machistas [The political culture of the trade union movement is extremely charged with sexist representations]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Ferreira, Verónica
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-13 23:54:51
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162872

A cultura política do movimento sindical é extremamente carregada de representações machistas

Entrevista com Verônica Ferreira

Sindicatos: Espaços para a atuação das mulheres? Um estudo sobre a participação das mulheres em sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores num cenário de reestruturação produtiva (1986-1999) é o título da dissertação de mestrado da cientista política Verônica Ferreira, defendida no início do mês na Unicamp. Em seu estudo, a pesquisadora analisou a militância feminina, o debate sobre as relações de gênero e a incorporação de demandas específicas relacionadas à condição feminina na agenda de três sindicatos do Estado de São Paulo: o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo e o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo, ao longo dos anos 1990.

Confira a entrevista sobre o tema concedida por e-mail pela estudiosa à ***IHU On-Line***.

IHU On-Line - Há diferenças na participação das mulheres nos três sindicatos estudados? Por quê?

Verônica Ferreira - Sim. Desde os anos 1970, os três sindicatos buscaram estimular a participação feminina. Tratava-se de garantir o atendimento das necessidades das trabalhadoras, encaminhando seus problemas e anseios específicos. Isso demandou dos dirigentes sindicais dois tipos de atitude. De um lado, era preciso possibilitar e estimular a participação feminina no cotidiano, na militância sindical e, inclusive, nas posições de liderança (diretorias sindicais), de maneira a garantir que as necessidades das mulheres pudessem chegar ao espaço sindical. E, desse modo, pudessem ser incluídas nos debates que definiriam as demandas de cada categoria. Por outro lado, era também necessário que os líderes sindicais tivessem sensibilidade e disposição para canalizar as necessidades das trabalhadoras. Assim, a capacidade de mobilização e a força política de cada um dos sindicatos, bem como a importância/sustentação dada por cada um deles à sua militância feminina, além da porcentagem de mulheres em cada categoria, foram fatores decisivos para determinar as diferenças observadas nos anos 1990.

Os metalúrgicos

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que possuía uma militância feminista consolidada e um trabalho contínuo com as mulheres desde a década de 1980 (apesar de as mulheres constituírem uma pequena parcela da categoria, cerca de 12%), mostrou-se sensível às necessidades femininas, incorporando-as ao seu leque de bandeiras de luta e encaminhando-as à mesa de negociação. Nesse momento, porém, diante da intransigência patronal, não teve sucesso na defesa de boa parte das garantias sociais para a mão de obra feminina.

Os químicos

O Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo (com cerca de 33% de mulheres na sua base no final dos anos

1990) tinha uma Comissão de Mulheres e uma militância feminina articuladas até meados dos anos 1990. Nesse período, embora este sindicato não tenha obtido ampliações relevantes das garantias à maternidade, conseguiu obter, nos acordos coletivos, a proibição da exigência de testes para investigação de gravidez e o registro em carteira compatível com a função exercida pelas trabalhadoras. No final dos anos 1990, a desarticulação da Secretaria da Mulher devido, principalmente, a atitudes preconceituosas dos militantes e sindicalistas, somou-se a uma conjuntura extremamente complicada para aquele sindicato. Nesse período, houve queda da sindicalização, das receitas e do poder de barganha nas campanhas salariais. Nesse segundo momento, a militância sindical mostrou-se menos disposta a discutir as reivindicações das mulheres da categoria (por exemplo, a instituição de mecanismos contra a discriminação e a desigualdade salarial) e encaminhá-las à negociação.

Os bancários

O Sindicato dos Bancários de São Paulo possuía uma Comissão de Mulheres bastante ativa no final dos anos 1990. Na década anterior, o trabalho de mobilização da Comissão de Mulheres fora bastante ativo, porém descontínuo. Nos anos 1990, em resposta à crescente feminização da categoria (as mulheres eram 48% da categoria em 1999), a militância e a direção sindical mostraram-se mais sensíveis às reivindicações femininas. Como resultado, o Sindicato dos Bancários obteve os melhores acordos, no que se refere às garantias à maternidade e à paternidade. Maior dificuldade foi enfrentada na negociação de cláusulas relativas à igualdade de oportunidades e assédio sexual, que não foram convertidas em itens dos acordos coletivos.

IHU On-Line - Por que as mulheres participam pouco dos sindicatos? A "culpa" é das mulheres ou da estrutura dos sindicatos? Quais são as conseqüências dessa pouca participação das mulheres?

Verônica Ferreira - Esta é uma questão bem difícil de responder. Para que um trabalhador (de qualquer sexo) participe de um sindicato, é fundamental que ele se reconheça no projeto político do sindicato, ou seja, que se identifique com aquela entidade de classe, e isso significa ter suas necessidades e anseios encaminhados pela entidade. Os sindicatos devem também abrir espaço para a discussão dos problemas que atingem os diversos segmentos das categorias, escutá-los, inserir esses novos temas em suas discussões. E, é claro, chamar os trabalhadores (as) para o sindicato, desenvolver eventos, atividades.

Cultura carregada de representações machistas

No que toca às relações de gênero, vários pesquisadores antes de mim já detectavam que a cultura política do movimento sindical é extremamente carregada de representações machistas - tanto no discurso como nas práticas. Por exemplo, as reuniões dos sindicatos são realizadas no período noturno e, muitas vezes, prolongam-se até altas horas. A maioria dos eventos sindicais, até bem pouco tempo, não contava com creche para os filhos dos militantes. As plenárias da CUT duram de dois a três dias... E as mulheres têm responsabilidades domésticas, filhos. Militar no sindicato fica bem mais difícil para as mulheres do que para homens. É algo perigoso: os sindicatos não se adaptam, não adaptam seus discursos... As mulheres se afastam e, não estando no sindicato, suas questões específicas tendem a ser relegadas a um segundo plano.

IHU On-Line - Como as mulheres têm se posicionado em relação a

esse espaço que não é ocupado corretamente?

Verônica Ferreira - Nos anos 1980, houve um crescimento, não apenas da participação, mas também do próprio debate sobre as necessidades das trabalhadoras, sobre a condição feminina e sobre as relações de gênero no trabalho e no espaço sindical. Por meio de sindicalistas identificadas com as idéias feministas esse debate chegou à CUT, que criou a Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora (hoje, Secretaria Nacional da Mulher Trabalhadora), a qual teve o papel fundamental de centralizar a discussão de gênero, difundi-la para o conjunto dos sindicatos cutistas e fazer a ponte entre o movimento sindical e outros movimentos sociais, sobretudo o movimento feminista. A principal demonstração dessa influência foi a introdução do debate sobre ações afirmativas no âmbito da CUT, e a posterior aprovação da destinação de cotas de 30% dos cargos de direção dos sindicatos - e da CUT - para as mulheres.

Debate retrocedeu nos anos 1990

Nos anos 1990, entretanto, o debate de gênero diminuiu sensivelmente em intensidade no conjunto do movimento sindical ligado à Central. As cotas para mulheres foram aplicadas na constituição da direção nacional da CUT e nas diretorias de alguns dos principais sindicatos, mas até hoje há uma grande dificuldade em difundir este princípio para o conjunto dos sindicatos filiados. Nos sindicatos pesquisados, muitas vezes, as demandas específicas das mulheres perderam prioridade para questões como salário e manutenção do nível de emprego na agenda sindical e, por conta disso, não foram convertidas em conquistas para as trabalhadoras.

IHU On-Line - Qual é a origem dessa situação?

Verônica Ferreira - A origem dessa situação está, é claro, relacionada ao cenário político e econômico da década de 1990, notadamente hostil e difícil para o movimento sindical. Entretanto, existe um fator mais antigo e mais profundamente enraizado nas ações das lideranças sindicais: o machismo, que permaneceu renitente no espaço sindical. O questionamento desenvolvido pelas sindicalistas feministas contribuiu para uma maior sensibilização das lideranças sindicais em relação à discriminação e às demandas femininas. Entretanto, a discriminação sexista, condenada no discurso, é ainda praticada, muitas vezes sem ser percebida, por lideranças sindicais de ambos os sexos. A cultura sindical mostrou-se resistente tanto à inserção das mulheres na militância e nas instâncias decisórias quanto à discussão das relações de poder nos sindicatos e à incorporação de demandas relativas à condição feminina. As mudanças no perfil das categorias profissionais foram acompanhadas muito lentamente por mudanças de atitudes dos sindicatos estudados.

IHU On-Line - A dupla jornada - trabalho e casa - é uma das questões que atrapalha a participação das mulheres nos sindicatos?

Verônica Ferreira - Sim e não. Ela dificulta, mas não impede. Mas, muitas vezes, ela aparece no discurso de militantes e dirigentes sindicais (homens) como fator impeditivo. Ninguém questiona, porém, o fato de as atividades sindicais serem organizadas em função do cotidiano masculino. Em geral, na nossa sociedade, os homens estão desobrigados de tarefas domésticas e de cuidar dos filhos. Ora, muitos deles são pais, e também não deveriam ficar dias longe da família, participando de uma plenária da CUT, por exemplo.